

A DIFERENÇA QUE COIMBRA FAZ

ANTÓNIO DUARTE ARNAUT

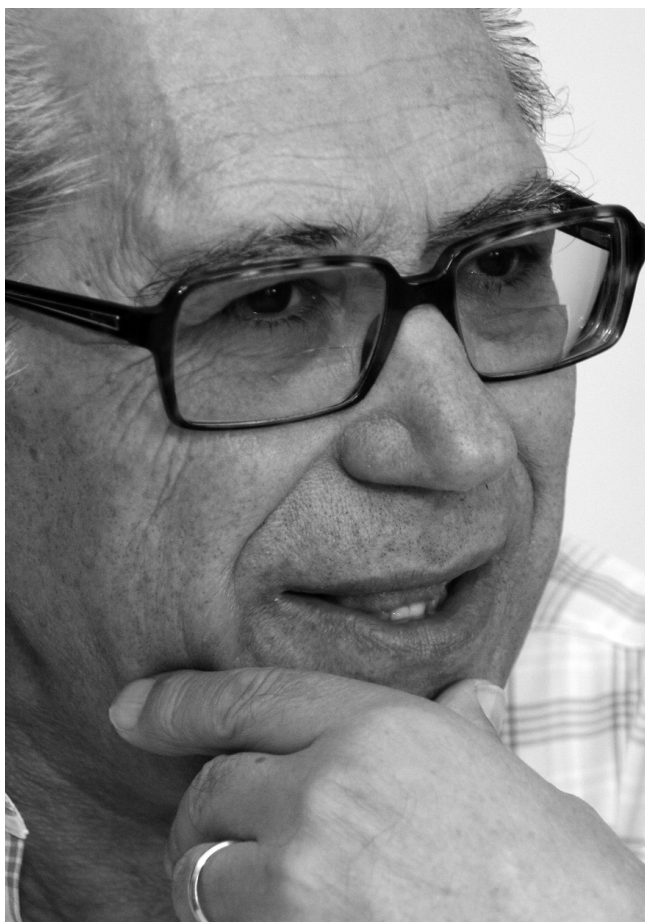
O inconformado

«Façam alguma coisa, mas façam. É preciso voltar a dar ânimo à alma portuguesa. É preciso que Portugal recupere a força para construir o seu futuro. Indignem-se, cerrem fileiras e rompam o cerco». António Arnaut, republicano, democrata, socialista, maçom, pacifista, escritor e advogado continua a alimentar o sonho de juventude e recusa aceitar como natural «todas as injustiças que dependem da acção do homem. Pode uma pessoa como eu dar conselhos? Pode, tenho o dever de dizer o que penso, todos temos o dever de contribuir para melhorar»

■ Esta é a civilização dos Direitos Humanos, mas esta é também a «sociedade do consumo, que levou pessoas a hipotecarem a dignidade. Esta é a sociedade em que as pessoas ficaram egoístas e que apagou o sentido de solidariedade». Esta é também a sociedade dos filhos e netos dos republicanos, dos que se atreveram, dos que conspiraram. O que mudou? António Arnaut, o republicano, explica que «mudou a fibra. Existia o ADN de revolucionário, existia outra vivência e outro sentido de pátria. Estavam interessados em construir um país novo, mais justo e estavam conscientes de que a República estava inacabada, que o sonho tinha sido interrompido. Não estavam formatados pela sociedade de consumo que então se instalou. Hoje, falta a esperança».

«Hoje, o dinheiro é o bem supremo e sobrevive o espírito competitivo». A culpa será partilhada «pelo actual capitalismo, «sem alma e sem rosto» e pelo Estado de Mercado que esquece o Estado Nação. Como sair deste destino? «A estrutura pode implodir (como aconteceu na União Soviética) ou alguém pode derrubar os muros de Jericó. Não é possível continuar. A soberania de Estado foi capturada pelo sistema monetário capitalista». Para António Arnaut, o advogado, aplicar a escalada de juros a que se tem assistido, principalmente na Grécia, é um crime contra a Humanidade. Exigir da Grécia ou de qualquer outro país juros de 40% é crime, porque já não é com trabalho que se pagam esses juros, é com o próprio sangue, por isso digo que é preciso romper o cerco».

O cidadão comum deve indignar-se. «Eleva a voz e cerrar



ANTÓNIO ARNAUT, "pai" do Serviço Nacional de Saúde

fileiras» são os recados deixados por António Arnaut, pacifista. «Essas vozes têm de ser ouvidas, têm de ser escutadas. Repare que chegámos a um tempo em que se arruína um país sem armas e sem guerras. Basta a Agência Moody's falar. Como podemos permitir que meia dúzia de senhores possa ferir um Estado soberano. E as pessoas não se indignam e não se revoltam?».

«Indignem-se e se for preciso façam uma revolução. Uma revolução pela palavra». O António Arnaut, agnóstico, vai mesmo buscar um exemplo da Bíblia e, ao mesmo tempo que admite ser necessário romper com as muralhas de Jericó, lem-

bra que «Jesus Cristo teve um dos momentos mais revolucionários da História do Mundo e pela palavra, com o Sermão da Bem-Aventura». António Arnaut, o inconformado, sublinha que há várias formas de indignação. «Se eu for sensibilizando as pessoas para a injustiça que isto representa, para a subversão de valores éticos e morais, já é uma forma de intervenção. Posso fazê-lo individualmente, num grupo de amigos, em artigos, em livros». António Arnaut, socialista, admite que «o mercado pode continuar, mas com regras.

Enquanto político activo e ex-ministro dos Assuntos Sociais, António Arnaut também consta-

to «que o poder é impotente. «Fui ministro e sei o que é essa impotência, parece contraditório, mas o poder é impotente. Se assim não fosse, quando fui ministro dos Assuntos Sociais tinha feito um decreto com um artigo único: está abolida a pobreza. Não consegui. Mas o que faz um socialista quando pode ajudar um bocadinho a mudar o mundo? Faz o que pode». Ajudou a criar o Serviço Nacional de Saúde. «Sinto-me honrado pelas circunstâncias. Fui colocado no lugar onde podia dar esse passo em frente para a conquista de maior dignidade dos portugueses. O SNS é a maior reforma social do século XX português e que se põe ao lado da reforma do ensino público da I República. O SNS tornou as pessoas iguais perante a doença, porque não eram e, numa situação de fragilidade, a igualdade é um imperativo moral».

Hoje, com 75 anos de idade, define-se como «um homem do povo, um dos muitos homens». E pode um homem do povo dar conselhos? «Pode. Tenho o dever de dizer o que penso. Todos têm o dever de contribuir, segundo as nossas capacidades, para melhorar a vida da comunidade. Uma vida mais justa, mais igualitária, mais harmoniosa». A tarefa é de todos e pode desempenhar-se de várias maneiras: «pelo trabalho, pelo exemplo, solidariedade, na diversidade de caminhos que cada um escolhe. Diria que tudo vale a pena, façam o que façam. Mas façam alguma coisa. É preciso voltar a dar ânimo à alma portuguesa. É preciso que Portugal recupere a força para poder construir o seu futuro» e «devemos ter saudades do futuro, como dizia Fernando Pessoa». |

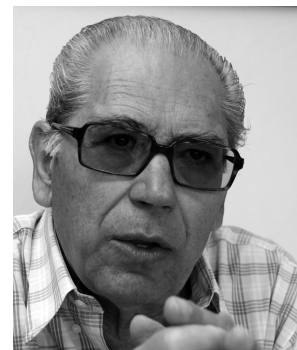
“Alimento um sonho”

■ Advogado, porque sim, «foi uma coisa natural. Não me lembro de ter escolhido esta profissão, mas sempre quis ser advogado. Nunca aceitei as injustiças que dependem da acção do homem e isso alimenta o meu sonho de juventude».

Confessa que nasceu «inconformado por natureza, embora realista, mas o facto de ser inconformado faz de mim um rebelde. Ou melhor, quando se combate a injustiça revoltamos sempre, ainda que de uma forma pacífica». Admite que o sonho da juventude ainda é o mesmo, «sobretudo, porque preciso desse sonho para alimentar a minha esperança no futuro. Continuar a ser rebelde é continuar a ter a alma jovem e também por isso, republicano, socialista, democrata e maçom».

António Duarte Arnaut nasceu na Cumieira (Penela), numa aldeia em que a luz eléctrica tardou a chegar. As notícias ouviam-se num rádio a bateria ou pelos jornais diários que eram lidos em grupo e ao fim do dia, à volta da Igreja. Dali partiu para Tomar e, depois de cumprir o ensino que lhe deu acesso a entrar na Faculdade de Direito, foi Coimbra e os amigos republicanos e maçons que o influenciaram». Fernando Valle e Miguel Torga «tiveram influência pelo exemplo e companhia permanente e a companhia pressupõe conversas, partilhas e a esperança de um país mais justo e livre». Antes, foram os jantares comemorativos da implantação da República, «os únicos que eram autorizados por essas reuniões». Tal como também lhe deixou marcas a guerra colonial. Angola foi o seu destino. «Não matei e não feri ninguém, tive a vantagem de não ser combatente. Mas, um dia, um amigo regressou aos retalhos, embrulhado numa manta. Isso também marca. Tinha a noção que estava a participar numa guerra injusta e sem solução». Foi a guerra que lhe inverteu a fé. António Arnaut passou a ser um cristão agnóstico.

Com o 25 de Abril, António Arnaut foi um dos que ajudou a fazer a Constituição da República Portuguesa. Antes, o seu nome já constava na lista dos 27 que assinaram a criação do Par-



tido Socialista, deixando de ser a Acção Socialista Portuguesa.

Mais tarde, Mário Soares entregou-lhe uma missão: a pasta da Justiça com a tarefa de acabar com a corrupção. A indignação durou três dias e o combate à corrupção foi adiado. Não havia quem aceitasse ser ministro dos Assuntos Sociais (que incluía a Saúde e a Segurança Social). Mário Soares voltou a apelar ao seu espírito de missão pelo país. António Arnaut cedeu, «mas não percebia nada de saúde e por isso tive de arranjar um “bom” secretário de Estado. Escolhi Mário Mendes, médico e Professor na Faculdade de Medicina de Coimbra». A criação do Serviço Nacional de Saúde tinha sido uma condição para aceitar o novo cargo, porque, «se tivesse ficado com o Ministério da Justiça, teria criado o Serviço Nacional de Justiça».

Com a pasta da Segurança Social, António Arnaut lembra que igualou o direito das mulheres ao direito dos homens nas reformas não contributivas, «foi em nome da igualdade dos direitos» e, além de ter assinado o despacho que criou o Serviço Nacional de Saúde, «fiz um outro em que me obrigava a mim mesmo a resolver o que tinha vista no asilo Casa da Mitra. «Foi o que se pôde fazer. Ser socialista é isso, é não estar acomodado, é estar inconformado». Há 28 anos, António Arnaut abandonou a política activa. «Sei que me tornei incómodo», mas o «meu partido tinha perdido o entusiasmo de ser socialista». António Arnaut quer ser «uma pessoa livre», «inconformada por natureza» e em busca do sonho que o acompanha, «com a ideia profunda de que é possível mudar o mundo e reduzir as injustiças sociais». |